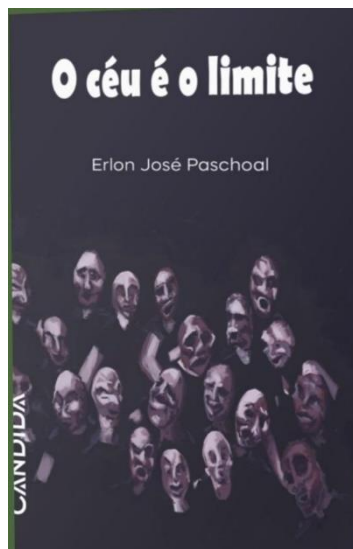


PASCHOAL, ERLON JOSÉ. *O CÉU É O LIMITE*. VITÓRIA: CÂNDIDA, 2024.



Erlon José Paschoal*

A pós vinte e quatro anos sem publicar livro dramaturgicamente autoral, envolvido que estava com tradução de grandes autores de língua alemã, lancei pela Editora Cândia o texto teatral de minha autoria,

* Dramaturgo, diretor de teatro, professor e tradutor (São Paulo, 1953), autor de *Atrás da vitória* (coautoria de Margareth Galvão, dramaturgia teatral, 1992), *Ainda bem que aqui deu certo* (coautoria de Margareth Galvão, dramaturgia teatral, 1995), *O mendigo e o caçador e outras peças* (1999), *Espelho da alma* (contos, 2000), além de várias traduções de obras de Bertolt Brecht, Johann W. von Goethe, Franz Kafka, Klaus Mann, entre outras.

O céu é o limite, numa edição contendo um prefácio de Jovany Sales Rey e um comentário de Denise Evangelista Vieira.

A obra teatral hoje, mais do que nunca, enquanto representação, é um ato político e estético, no sentido de reunir um grande número de pessoas para problematizar a organização social dominante, sem abrir mão obviamente das reflexões saudáveis e do senso de humor como dispositivo de distanciamento.

Trata-se, portanto, de um texto teatral envolvente, sarcástico e crítico, que retrata a vida de um estilista renomado, um personagem bem-sucedido em seu mundo de glamour, de ostentação, de cinismo e de desfaçatez. Em meio a inúmeras contradições, ele tenta resgatar as relações de afeto com seu filho pós-adolescente, acompanhado sempre de suas irmãs dominadoras e ávidas por dinheiro e poder. Em uma encenação que duraria pouco mais de uma hora e meia, o público será levado então a uma reflexão bem-humorada sobre o caos moral e a canalhice que assolam o país, desde o golpe de 2016.

No início de uma das cenas entre o protagonista Norberto, o famoso estilista, e as suas duas irmãs, ocorre o seguinte diálogo que mescla sinceridade com mentiras, com agressões, com interesses escusos e com carinho, entre outras coisas, tudo em um ambiente pacífico e acolhedor:

Rosaura – (com raiva) É incrível como você é desprezível, Norberto. Um mentiroso contumaz e vulgar. Nunca se satisfaz com uma única mentira, sempre acrescenta uma outra, uma outra, uma outra. Quando isso vai ter fim!

Matilde – (apaziguadora) Não fale assim, Rosaura. Ele mente, mas sabe o que faz. E além disso sustenta essa casa e a sua casa também, junto com o calhorda de seu marido.

Rosaura – Meu marido é um calhorda, é verdade, um canalha, todos sabem, mas paga as contas. E principalmente trepa bem, faz sexo gostoso, sempre experimentando novas posições, sempre testando novos prazeres. Coisa aliás que eu adoro. Portanto vamos colocar devidamente os pingos nos Is. O Norberto nos ajuda financeiramente, mas nem por isso posso deixar de dizer o que ele é. Um hipócrita, um cínico inveterado!

Matilde – Sim, eu sei. Mas deixe ele levar a vida que quer. A vida é dele. Afinal foi ele que escolheu ser assim. E somos irmãs dele. Termos de estar do lado dele sempre, aconteça o que acontecer (PASCHOAL, 2024, p. 22-23).

O contexto social no qual está inserido o texto é o da chamada “república do cinismo”, instaurada no país após o golpe, com todos os seus penduricalhos, tais como a Farsa a Jato, a milicialização de grande parte das instituições, a mídia hegemônica transformada em um partido de direita ou extrema-direita, uma falsa fachada, e, enfim, a eleição de seres abjetos que defendem o que há de pior da sociedade brasileira e na espécie humana. Todos posando como indivíduos respeitáveis que enaltecem a família e a pátria, e cultivam uma religião que idolatra o dinheiro, as milícias e torturadores diversos, mantendo sempre uma fachada de decoro. Apresentam-se publicamente como cínicos convictos e empoderados.

Em um artigo publicado nessa época, Marcia Tiburi (2018) afirma que

Em termos bem simples, quando vence o cinismo, acabou a sociedade. Em termos discursivos, pois o cinismo é também uma forma linguística, acabou-se o diálogo que era o metabolismo essencial das relações humanas. Por isso, o cinismo é a forma discursiva preferida dos poderosos. Ele cancela o diálogo mesmo quando insiste que sua vítima continue a falar. Muitas vezes, usa a fala do outro para produzir enganações e mentiras em geral. Não é por acaso que as chamadas *fakenews* cheguem tão longe e com tanta profusão.

E em uma sociedade onde o cinismo impera e passa a ser normalizado pelos grandes grupos comunicacionais e desse modo aceito pela maioria como algo natural da vida moderna, tudo se desmancha no ar e a verdade torna-se algo de difícil acesso. O espantoso é que o cinismo nesse estágio pode configurar-se socialmente como uma postura sincera, de quem fala o que pensa, sem se preocupar com a reação de seus ouvintes, por mais grosseiro e incoerente que isso soe. Peter Sloterdijk, o filósofo alemão autor da “Crítica da Razão Cínica”, afirma que

O cinismo é inicialmente entendido como um fenômeno de desinibição: é a expressão franca da verdade elevando-se ao nível do

autodesmascaramento. [...] No seu cinismo, aqueles que estão no poder mostram que estão cansados do esforço da hipocrisia. Brilham com a ironia de quem se saiu bem. Para eles, valores como a honra, a decência, o amor à verdade, o tato e a empatia são apenas figurantes no grande teatro do mundo. Eles têm a convicção de que podem reivindicar o direito a exceções a qualquer momento.

Marcia Tiburi completa:

O cinismo é a figura de linguagem como forma de dominação. Como performance política é algo imbatível. Diante de um cínico, uma pessoa comum não consegue dizer nada. E mesmo que diga, argumentos racionais não alcançam o cínico, pois o cinismo é um verdadeiro escudo contra perguntas.

Assim sendo, esse conjunto de fatos e essa sucessão de acontecimentos que foi tomando conta do país, serviram de estímulo à criação do texto aqui tratado, em nosso mundo complexo e cada vez mais perpassado por paralelismos virtuais, desinformações e bolhas que se avolumam e separam as pessoas em realidades imaginárias. São esses os grandes desafios de quem escreve uma obra para ser encenada e desfrutada coletivamente.

A dramaturgia teatral, o texto escrito para ser encenado, tem se transformado significativamente ao longo das últimas décadas. As influências são diversas, sobretudo, se considerarmos que o teatro deve refletir o comportamento humano em seus mais variados matizes e o momento histórico no qual está inserido. Como o teatro hoje concorre, por assim dizer, com dezenas de outras possibilidades de fruição da realidade através da arte, ele precisa ser contundente, direto e prazeroso.

O desafio maior hoje seria construir um diálogo vivo e conectado com os novos públicos formados e influenciados em sua maioria pelas novas tecnologias e pelas novas mídias, sobretudo pelas redes sociais interativas. Para o dramaturgo alemão Bertolt Brecht, o teatro deveria não somente reproduzir a realidade de uma determinada época, mas sobretudo estimular no espectador novas percepções desta realidade e reflexões que o levassem a transformá-la. Brecht, aliás, fez do teatro um espaço de discussão política e de transformação da

sociedade. E ambicionou fazer do teatro também uma das formas mais eficazes para a educação crítica e social do homem, não só nos espaços destinados aos espetáculos teatrais, mas também em escolas e instituições similares.

O anti-ilusionismo característico de suas montagens pretende despertar a consciência do público: este não pode se esquecer de que se encontra num teatro, assistindo a uma representação e, enquanto se diverte, pode compreender melhor a si mesmo e ao mundo onde vive. Por essas e outras razões, Brecht continua sendo a grande referência para um teatro crítico, bem-humorado e que almeja a transformação social.

Brecht se utiliza das correntes mais progressistas da Psicologia, entre outras coisas, e sobretudo da teoria marxista, para explicar o homem por meio de seu comportamento, ou seja: *as ações determinam a maneira de pensar, e as atitudes importam mais que as palavras*. E tal comportamento é representado em correlação com as leis sociais que o determinam, sendo por isso passível de transformação. Afinal como afirmou Karl Marx na sua famosa “Tese 11”, é preciso buscar formas de transformar o mundo, gota a gota, passo a passo, ao invés de tentar apenas compreendê-lo e interpretá-lo (Tradução minha).

Em nosso mundo neoliberal globalizado onde a regra é “se dar bem” custe o que custar e doa a quem doer, quase não há espaço para a reivindicação de valores éticos básicos para uma vida mais harmoniosa em sociedade, tais como solidariedade, justiça, senso de responsabilidade e amor ao próximo. Qualquer filminho americano ou novelinha de TV neoliberal deixa claro que isso não passa de história da carochinha, de uma utopia retrógrada e já devidamente ridicularizada pelos arautos do novo mundo pós-moderno. Desse modo, o teatro precisa, então, buscar novas possibilidades de inserção nesse mundo repleto de sensações e estímulos incessantes.

Nesse contexto vale ressaltar um conceito-chave da mídia atual: a interatividade. Para os internautas, as diversas fronteiras antes muito sólidas, agora se desmancham no ar, sobretudo aquelas entre épocas e culturas, entre espaços

geográficos e disciplinas do saber. A interatividade da internet desterritorializa. Passamos a nos sentir habitantes do mundo, sem fronteiras e sem raízes. Constroem-se grupos, tribos, com gostos ou predileções semelhantes, através da sociabilidade da rede. Por outro lado, essa sociedade fluida pode levar a uma perda irreparável das referências simbólicas de nossos próprios territórios, tão fundamentais em nossa relação com o próximo e com o mundo.

As fronteiras entre as várias disciplinas do saber, as práticas sociais, as identidades, as linguagens artísticas se dissolveram ou se tornaram tênues. Os conceitos de transversalidade, transdisciplinaridade e interface orientam, por sua vez, muitas de nossas ações e atividades. Mesmo fronteiras bastante sólidas foram abaladas: entre masculino e feminino e entre realidade e ficção, por exemplo.

O céu é o limite intenta fazer parte desse universo de opções e formas diversas de observação e desfrute artístico da realidade, estimulando no público o senso crítico e a indignação frente a comportamentos cada vez mais torpes e cínicos que imperam em nossa sociedade. Segundo Jovany Sales Rey (2024, p. 6):

Há humor, e muito, sutil ou escancarado, mas percebe-se com nitidez que, como Molière, nosso autor despreza o riso histérico, buscando o 'riso da alma', interno. Sua ideia não é provocar risadas descompromissadas ou delas fazer brotar alguma reflexão superficial, facilmente esquecível ao fim do espetáculo. É, sim, revelar o mundo tal qual ele é, e revelar rosselianamente, aqui me referindo à estética de Roberto Rossellini, um dos inventores do neorealismo italiano.

E na avaliação de Denise Evangelista Vieira, os personagens de *O céu é o limite* são semelhantes aos do Teatro do Absurdo, pois são desumanizados.

Mas não no sentido formal do discurso, mas pelo uso de uma linguagem que acaba se mostrando estéril. A única necessidade é performar uma aparência, esvaziada de sentido. A palavra é, então, apenas uma vestimenta de algo sem conteúdo. A verdade está longe de ser uma preocupação. É possível dizer, logo ali desdizer, refazer o discurso, mentir, e mesmo transgredir estatutos sociais.

Acredito que o teatro em nossos dias deve ressignificar o que afirmava Nelson Rodrigues em relação às suas peças¹. Seu objetivo era produzir um “teatro desagradável”; criar “peças desagradáveis”, “obras pestilentas, fétidas”, capazes de “produzir o tifo e a malária na plateia”. Como se vê, sua crítica dirigia-se sobretudo contra o “bom gosto pequeno-burguês” e a “unanimidade burra”; sua meta era escandalizar moralmente a plateia acomodada e presa a regras de conduta hipócritas. Desse modo, ele acabou criando novos gêneros, difíceis de serem compreendidos num primeiro momento, tais como “tragédia carioca”, “farsa irresponsável” ou “tragédia de costumes”, misturando sem quaisquer cerimônias, o drama, a comédia, a farsa e a tragédia, mas muito eficazes para exhibir as pústulas da sociedade. Tal como em *Álbum de família*, *Toda nudez será castigada* e em *Bonitinha, mas ordinária*, por exemplo.

Franz Kafka em uma carta a Oskar Pollak, amigo da época da escola, datada de 27 de janeiro de 1904, escreve:

Penso que devemos ler apenas os livros que nos mordem, que nos espetam. Se o livro não nos acorda com um golpe na cabeça, por que o estamos lendo, afinal? Porque isso nos deixa felizes, como você escreve? (...) Mas nós precisamos dos livros que nos atingem como uma desventura, que nos causa muita dor, como a morte de alguém que amamos mais do que a nós mesmos, como ser jogado em uma floresta, distante de todos, como um suicídio. Um livro deve ser o machado que quebra o mar congelado em nós (KAFKA, [s. d.], p. 13-14. Tradução minha).

São estes enfim os objetivos de *O céu é o limite*: provocar intencionalmente o público, tentando levá-lo a perceber em si mesmo a frieza, a indiferença no tocante a questões fundamentais da vida individual e da organização social, das relações humanas e da formação das consciências em um contexto sempre dominado pela manipulação das vontades e das percepções. O culto do vazio, da celebridade, da fama passageira, da avidez pelo dinheiro e do fútil elevado à categoria de essencial tornaram-se partes integrantes da convivência social.

¹ Texto de Nelson Rodrigues publicado na revista *Dyonisios*, em 1949 ([s. d.]).

Como todo texto teatral, esse aguarda também ser montado um dia por um grupo de atores empenhado em debater com o público aspectos relevantes de nossa realidade, mas sem perder a elegância, o bom humor e a precisão artística nessa que é uma das artes milenares mais significativas da cultura humana.

Referências:

KAFKA, Franz. Carta a Oskar Pollak. 27 jan. 1904. In: _____. *Briefe 1902-1924 (Cartas 1902-1924)*. p. 13-14. Disponível em: <https://www.odaha.com/sites/default/files/Breife1902-1924.pdf>. Acesso em: 20 set. 2024.

RODRIGUES, Nelson. [O artista tem que ser gênio...]. *Memória da Imprensa*. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, [s. d.]. Disponível em: <https://www.arquivoestado.sp.gov.br/memoria_imprensa/edicao_04/secao_teatro.php>. Acesso em: 26 ago. 2024.

MARX, Karl. *Teses sobre Feuerbach*. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1845/tesfeuer.htm>. Acesso em: 20 set. 2024.

REY, Jovany Sales. A coerência do cinismo. In: PASCHOAL, Erlon José. *O céu é o limite*. Vitória: Cândida, 2024. p. 5-8.

SLOTEDIJK, Peter. 35 Jahre nach der «Kritik der zynischen Vernunft». *NZZ*, Zürich, 29 dez. 2018. Verfügbar unter: <<https://www.nzz.ch/feuilleton/35-jahre-nach-der-kritik-der-zynischen-vernunft-peter-sloterdijk-analysiert-das-zynische-bewusstsein-zu-beginn-des-21-jahrhunderts-ld.1447498>>. Zugang in: 26 aug. 2024.

TIBURI, Marcia. A república do cinismo. *Cult*, São Paulo, 14 nov. 2018. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/a-republica-do-cinismo/>>. Acesso em: 26 ago. 2024.

Recebida em: 26 de agosto de 2024.
Aprovada em: 3 de setembro de 2024.